CASSINO

CASSINO

Intervenção de **HELENO BERNARDI**

Curadoria de **Renato Rezende**

IED Rio - Ruínas do Cassino da Urca
25 de novembro a 20 de dezembro de 2017

Acendendo o corpo da cidade

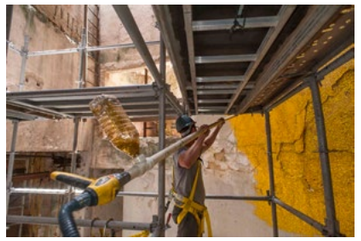
À primeira vista, diante de todo aquele dourado, parece que escutamos o som de Tico-tico no fubá na inconfundível voz de Carmen Miranda, quase inaudível, como um sussurro ritmado. Não há som nenhum, apenas os ruídos normais de uma ruína urbana cheia de aberturas para a cidade; o farfalhar do vento nas copas das árvores, os barulhos dos automóveis não muito distantes, o chiado de uma ratazana que passa correndo num canto úmido da parede. Mas os espectros do que ali foi vivido, ou do que imaginamos que ali foi vivido, retornam de maneira vívida para quem se posta em silêncio diante daquele infinito luminoso, construído, na verdade, por uma tonelada de purpurina dourada lançada sobre a matéria crua do esqueleto de concreto que restou do antigo Cassino da Urca. Erguido em 1922 para a Exposição Internacional que celebrou no Rio de Janeiro o centenário da independência do Brasil, o Hotel Balneário se transformou em casa de jogos na década seguinte e, apesar de ter funcionado por apenas treze anos, de 1933 a 1946, quando o presidente Dutra proibiu o jogo no país, o Cassino da Urca permaneceu no imaginário do brasileiro como um dos símbolos máximos do Rio de Janeiro enquanto cidade maravilhosa: um balneário solar, de extraordinária beleza natural, jovial e libertino, onde o carnaval, a alegria e a sensualidade pareciam imperar como reis absolutos. Considerado em sua época de glória como uma das melhores casas de shows do mundo, nos palcos e nos salões do Cassino, em suas luxuosas festas e camarotes, passaram astros e estrelas de porte internacional, como a já citada Carmen Miranda, Josephine Baker, Grande Otelo, Orson Welles... além da elite política e financeira do país. Getúlio Vargas, no auge do seu poder, era um habitué. Ao som da música e no ritmo dos corpos dançantes, invocados como fantasmas pela obra de Heleno Bernardi, fortunas mudavam de mão e intrigas palacianas eram segredadas; e podemos ouvir ainda o som das bandas e dos risos, do ranger dos talheres e do rodar dos vestidos, do girar das roletas. Condensado no gesto do artista, somos capazes de alguma forma ainda intuir o brilho efêmero de uma época, e também seu lado sombrio e corrupto. Pensada sob essa perspectiva, a obra Cassino, de Heleno Bernardi, pode ser entendida

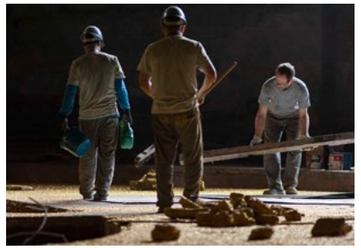
como um certo resumo do Brasil: ruínas de uma igreja barroca reduzida àquilo que desde sempre nos move; e conhecemos bem a densidade da escuridão no avesso de toda essa história de riquezas.

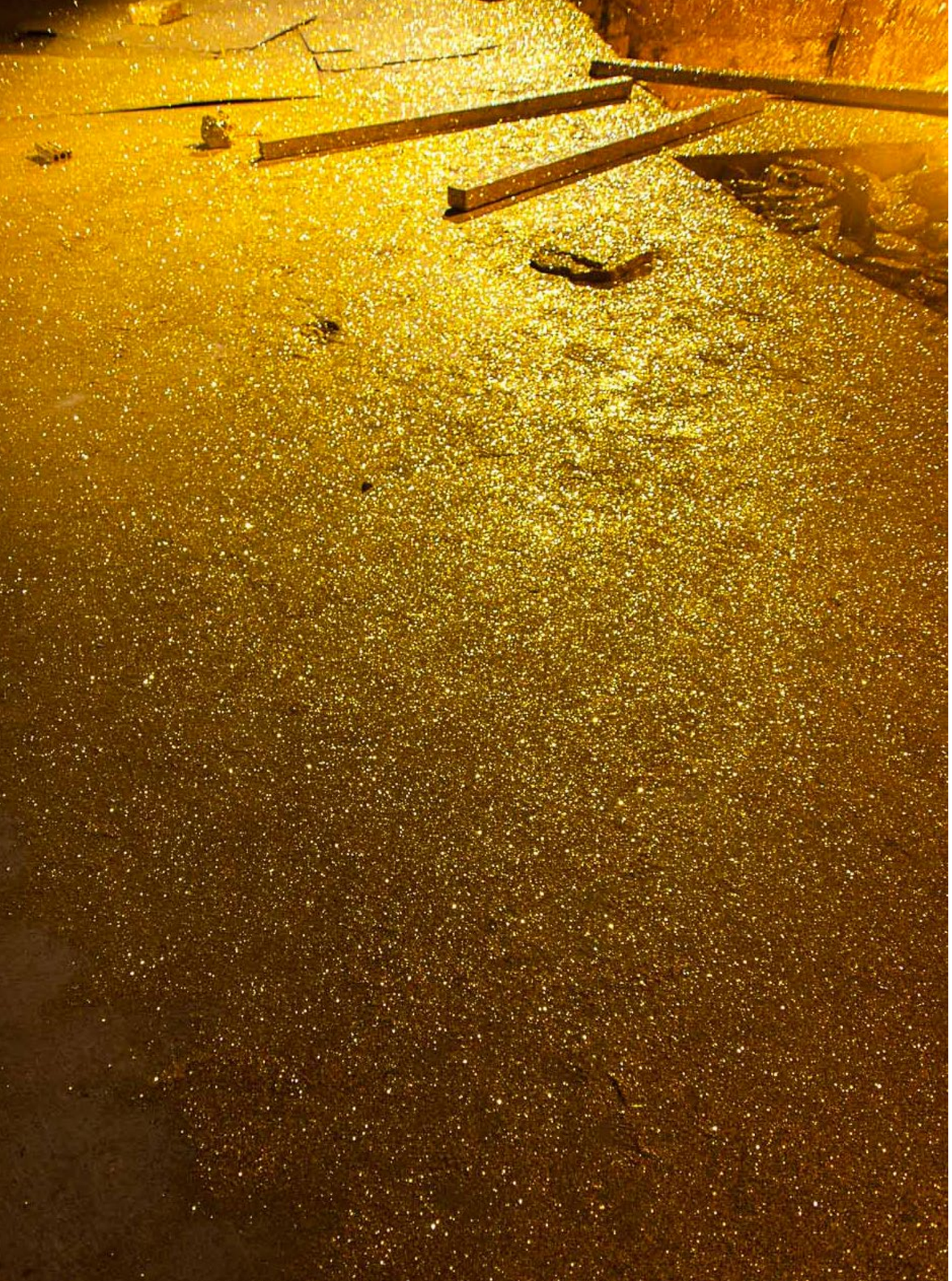
Podemos avaliar a potência de uma obra de arte contemporânea por sua capacidade de instalar e condensar em um único ou poucos objetos diversas camadas de sentidos e múltiplas abordagens interpretativas, inclusive interdisciplinares, sem procurar impor qualquer discurso ou indicar algum tipo de 'verdade' ou fechamento de leitura. Deste ponto de vista, Cassino é uma obra especialmente potente. Heleno apropria-se de estratégicas que lembram, por um lado, o trabalho de um arqueólogo, resgatando e valorizando objetos do passado que, uma vez destacados, iluminam nossa compreensão de nós mesmos; e, por outro, de um mestre acupunturista, ativando com precisão, no corpo da cidade, um ponto nevrálgico, numa intervenção simples, mas que atua profundamente, liberando energia e possibilitando novas linhas de ação. Em sua intervenção urbana, como define seu trabalho, o artista, num só gesto, aciona dimensões simbólicas, temporais e espaciais do edifício do Cassino da Urca, local privilegiado dentro da história e do imaginário do Rio de Janeiro, ponto privilegiado do seu corpo físico e espiritual, e vivifica, sublima, comenta e levanta questões críticas sobre as dimensões ambíguas e complexas de sua razão de ser e legado: fantasias, alegria e exploração do vício; desejo, sedução e abuso de poder; glamour, beleza e efemeridade dos tempos e dos corpos que em grande escala continuam a determinar, como um jogo de azar, sempre com cartas mais ou menos marcadas, os meandros secretos e o destino de nossa sociedade. É também interessante que esta espécie de acerto de contas com o espírito do lugar se dê, como última atividade no que hoje chamamos de ruínas do Cassino da Urca, antes da restauração completa do prédio (mantendo suas características arquitetônicas originais), e seu consequente retorno ao uso dos cariocas.

Artista singular dentro do rico contexto de produção da arte contemporânea brasileira, Heleno Bernardi inicia sua carreira no início dos anos 2000, ou seja, quando a própria modernidade e seus conceitos fundamentais já se apresentavam como ruína, e parece conciliar em seu trabalho, como nenhum entre nós, duas vertentes fortes da nossa recente história da arte: o legado da arte conceitual e engajada dos anos 1970, intelectual e refinada, mas quase imaterial, e a expressividade visceral e vigorosa, mas pouco reflexiva, dos primeiros artistas da geração 1980 a serem reconhecidos. O resultado, como se percebe em Cassino, é uma justa conciliação entre robustez e inteligência, entre matéria bruta e precisão, entre monumentalidade e conceito, entre gesto e linguagem. Tendo a cidade como elemento de inspiração e desafio, quase como um enigma, Heleno a enfrenta de igual para igual, de forma propositiva, utilizando-a frequentemente como suporte. Assim, apesar da leveza luminosa, quase etéreo, de Cassino, a elaboração da obra exigiu o manejar com equipamento pesado e enorme esforço físico, do qual o artista jamais cogitou se furtar. Talvez, no entanto, seja justamente a transmutação de tanto suor, de tantas vidas e histórias invocadas, tanto de nossas dimensões pessoais como coletivas, que permita à obra de Heleno deslocar tão facilmente o material que a constitui para a beleza sublime de sua tradução em arte. Contemplando longamente Cassino, que faísca a cada instante de forma diferente, parecendo ganhar uma dimensão entre orgânica e estelar, a cada suave brisa, a cada mudança de luz, não posso deixar de ser remetido à um retábulo bizantino, enfim depurado de todas suas imagens e discursos; como se todo excesso produzido pelo bombardeio de imagens do mundo ocidental, e especialmente no mundo contemporâneo, pudesse ser superado pela saturação também excessiva, mas leve e luminosa, e de certa forma redentora, de Cassino – daí talvez o poder hipnótico do trabalho.

Renato Rezende







Entrevista

Renato Rezende

Qual a natureza do seu trabalho? "Cassino" não parece se adequar perfeitamente a nenhuma das categorias assumidas pela arte contemporânea a partir da expansão do conceito de escultura, como intervenção urbana ou site specific. "Cassino" parece estar entranhado demais ao antigo Cassino da Urca, brotar quase organicamente dele, ao contrário da natureza mais conceitual de um site specific. Ao mesmo tempo, não é exatamente uma intervenção urbana, uma vez que não se realiza exatamente num espaço público....

Heleno Bernardi

Apesar de ser uma intervenção em um ambiente fechado, "Cassino" lida com questões fortemente ligadas à cidade usando este prédio como suporte. O edifício passou por usos tão diversos, transformações arquitetônicas e períodos ociosos que ele mesmo tem uma aura de obra em progresso. O fato de um de seus blocos ser construído sobre a areia da praia e estar ligado ao outro bloco por um terraço que atravessa por cima da rua, demonstra o poder que o capital e a política exerceram tornando-o desde sempre uma intervenção na paisagem e no traçado urbano. Como cassino, foi um ambiente certamente elitista e que gera curiosidade até hoje sobre o que acontecia lá dentro. Já como sede de emissora de TV, o que se passava dentro era para ser transmitido para o grande público. Nas décadas em que ficou fechado e se deteriorando foi um estorvo urbano. Mas quando da chegada do IED, sofreu resistência por parte da população do bairro. Sua resistência é emblemática, embora seu abandono por décadas também seja. Ao mesmo tempo que a recuperação do edifício é necessária, há histórias, afetividade, lendas e uma certa nostalgia embutidas na sua própria falência. Creio que não dá para pensar sobre esta intervenção sem considerar a intrincada relação do edifício com a cidade. Assim, eu não me oporia que classificassem o trabalho como intervenção urbana.

"Cassino" evidentemente se situa e de certa forma culmina uma série de trabalhos realizados por você em espaços arquitetônicos e que usam a purpurina como material principal, denominada de "Magma". Como essa série foi concebida e construída?

O que me despertou para o uso da purpurina como material de trabalho foi o fato de deixar rastros. É praticamente sinônimo visual de carnaval e sua presença já é sinal de diversão. A purpurina se torna ainda uma espécie de objeto de resistência quando encontramos, dias depois de seu uso, uma partícula num canto da casa ou sobre a pele, como se ela não se rendesse à realidade e continuasse em estado de folia. Para fazer emergir essa resistência me ocorreram procedimentos que não se ligassem diretamente a seu uso comum. Como ela é utilizada quase sempre em pequena quantidade, mexer nesta relação me pareceu um caminho pois quando se altera a escala de um objeto ou de seu uso, outras questões aparecerem.

A coisa começou a tomar forma quando, em 2006, fui convidado para participar do festival Rio Cena Contemporânea, na estação de trem da Leopoldina. Ao visitar o local, me deparei com trens enferrujados sobre os trilhos e ao ar livre. Minha proposta de trabalho era colar purpurina sobre uma das composições cobrindo-a totalmente. Eu estava interessado em alterar a percepção de peso através da fragilidade e do espelhamento da purpurina. Depois de discutir a ideia com os curadores Luisa Duarte e Sérgio Martins, o projeto precisou ser apresentado ao órgão público responsável pelos administração da estação pois não seria possível remover a purpurina após a aplicação. Ela certamente sairia com o tempo mas o trabalho não foi autorizado pelo órgão. Realizei um outro projeto mas guardei a ideia inicial. Algum tempo depois, eu descobri um casarão desmoronado no Morro da Conceição e a ideia de cobrir aqueles destroços com purpurina me pareceu fazer sentido. Naquele momento, eu não sabia como executar tal tarefa, principalmente porque o acesso ao desmoronamento era difícil. Fui então procurar alguma situação semelhante, mas que fosse de mais fácil aproximação e acabei encontrando um posto de gasolina demolido numa rua da Tijuca. Funcionou.

Em 2008, fui convidado pelo curador Rafael Cardoso para um projeto de intervenções no Morro da Conceição. O casarão demolido ainda estava lá e, com mais estrutura e já tendo a experiência anterior, pude realizar o trabalho. O poeta e amigo Paulo Azeredo batizou estas intervenções de "Magma", mas invertendo o sentido pois não se referia a cristalizar a vida, como uma lava de vulcão, e sim o que havia de morte e putrefato nestes escombros.

Mais do que "fossilizar" ou de alguma forma enobrecer ou chamar a atenção para uma situação de caos efêmero, "Cassino" parece revelar uma potência implícita, mas escondida, de um objeto (no caso um prédio) esquecido ou abandonado, de uma ruína. Ao acender uma espécie de pulsão inerente a um objeto do passado, ativando suas sobredeterminações históricas, o artista atua como uma espécie de arqueólogo ou até mesmo um psicanalista da cultura. Como você vê seu papel como artista?

Talvez meu trabalho esteja mais próximo da invenção do que da descoberta. E digo isso sem sugerir juízo de valor sobre estas direções. Mas essa relação se inverte um pouco nas intervenções sobre ruínas. Há nelas um procedimento deliberado que é o de lançar a purpurina sobre locais demolidos, em escombros e similares. Mas a escolha destes locais passa pela procura e também pelo acaso. Desde a última intervenção, em 2008, levei quase 10 anos para realizar esta agora. Embora o procedimento seja o mesmo, as motivações são bastantes específicas e procuro entender isso para realizar os trabalhos. A intervenção no Cassino começou a ser pensada em 2012 e foram necessários 5 anos de envolvimento para entender e descobrir como deveria ser minha ação neste espaço de forma que revelasse pulsações contidas e ao mesmo tempo acrescentasse uma camada poética. Neste sentido, a ideia do artista arqueólogo é uma boa hipótese.

Embora bastante informado por uma tradição conceitual e politizada, seu trabalho engaja de maneira bastante potente o corpo. Ao construir "Cassino", você fez questão de trabalhar duro, evitando facilidades técnicas que o privariam de um corpo a corpo com a matéria, com a arquitetura. Seu trabalho parece dialogar sempre com a cidade, com esse corpo maior que todos nós habitamos, mas de uma maneira propositiva, até mesmo otimista, lutando com a cidade de igual para igual. A cidade é uma fonte de inspiração?

Me interessa pensar na capacidade que temos de enfrentá-la partir da própria fisicalidade que ela impõe. Se quero propor obras que, enquanto intervenções urbanas, estão promovendo um diálogo e embate entre corpo e cidade, estão falando de ocupação, de arquitetura, da passagem do tempo, acho que a própria realização precisa passar por este empenho. Aqui no "Cassino" poderíamos ter feito a aplicação da pintura e da purpurina de forma mais automatizada. Mas para interferir num espaço que levou anos para se tornar ruína é preciso algum tempo, algum esforço, físico mesmo, para ser um trabalho justo.

Elaborando um pouco mais a questão de tradição, seu trajeto e seu trabalho são bastante singulares, remetendo à um pensamento forte que caracterizou a arte dos anos 1970, e aí você foge à gestualidade expressiva e anti-intelectual dos principais exponentes da geração 80, imediatamente anterior à sua, e ao mesmo tempo refinando essa forte gestualidade com uma presença elaborada do corpo na sua obra. Como você pensa essa singularidade do seu trabalho?

Minha formação foi um tanto entrecortada e, na prática, comecei a me dedicar à arte e a produzir no início dos anos 2000. Mas reconheço um sopro vindo dos anos 1970. Por outro lado, há questões e práticas do agora que me interessam pois passam por relações do corpo com a cidade e que estão explodindo fora da arte, como a ocupação de espaços ociosos, um urbanismo mais afetivo, aceitação de uma visualidade mais suja, espaços coletivos etc. Acho que olhar para estas questões em meio a uma cidade conturbada e enfrentá-las com proposições, costuram de alguma forma minha produção, que passa por meios distintos como intervenções, pintura e fotografia.

Entretanto, não tenho uma troca estabelecida com um grupo específico de artistas para que eu possa me identificar como parte de uma geração.

Uma parceria de arte e design para devolver brilho ao cassino da urca, um monumento vivo e pulsante à criatividade e à sustentabilidade.

A intervenção artística de Heleno Bernardi simboliza o ritual de transição entre passado, presente e futuro do antigo Cassino da Urca. É um colpo di gênio que celebra a volta à vida do histórico conjunto arquitetônico que será a casa do IED LAB, um ecossistema de design e criatividade à beira-mar.

Foi exatamente há cinco anos que conheci Heleno: artista contemporâneo múltiplo; na varanda do seu antigo ateliê, no vigésimo andar de um prédio da Av. Rui Barbosa, hoje abandonado, com vista de tirar o fôlego sobre a praia da Urca e o IED Rio, me explicou o projeto artístico que tinha em mente. O pôr do sol daquele fim de tarde de quase verão pintava tudo de ouro, sem pudor; e o Heleno disse-me: "Quero espalhar algumas toneladas de purpurina dourada no lendário palco do teatro do antigo Cassino da Urca, para que todo o mundo se lembre das camadas de tempo e de história que o revestem". "Quero recuperar a memória afetiva de um lugar de sonhos e glamour, que marcou o imaginário coletivo de gerações de brasileiros", concluiu.

Achei uma loucura. E lhe disse: "Maravilha: vamos nessa."

O percurso do Heleno para chegar até aqui foi longo, complexo e tortuoso, assim como o do IED Rio para reformar o antigo Cassino da Urca, se instalar plenamente nele e se consolidar como escola livre de design e criatividade.

Esta simbiose de resiliência e obstinação consolida e dignifica ainda mais nossa parceria e torna um orgulho e uma honra para o IED receber o projeto Cassino.

A intervenção artística do Heleno é especialmente significativa para o IED porque marca a continuidade da revitalização do prédio e simboliza a transição para sua nova vida: o IED INNOVATION LAB, um laboratório contemporâneo de ideias, projetos e experimentação com o design como foco, metodologia e motor.

O IED INNOVATION LAB será um centro latino-americano de geração, aceleração, integração e difusão de projetos e iniciativas inovadoras com eixo no design e na criatividade; funcionará de forma aberta, cooperando com redes de indivíduos, grupos, instituições publicas, empresas e organizações de toda a América Latina, formando um ecossistema de trabalho osmótico e colaborativo.

O mítico palco do Cassino, despertado pelo resplendor das camadas de ouro de Heleno, voltará em breve à vida como auditório multifuncional, com uma programação artística e cultural ampla, dinâmica e aberta à cidade; com o propósito de fazer do antigo Cassino da Urca o primeiro prédio tombado sustentável do Brasil, pois no restauro e na gestão do edifício serão aplicados critérios de sustentabilidade e de acessibilidade.

Em suma, a intervenção do Heleno trará brilho sobre a nova vida do prédio que, conservando a memória, continuará a ser um ponto de referência para o Rio, capital latino-americana da criatividade.

Fabio Palma, Diretor, IED RIO

CASSINO

Esta exposição não seria possível sem o patrocínio de:

Adriana Salituro
Alexandre e Marcela Novaes Andrade
Anna Elisa de Castro
Anna Maria Camurri
Anna Paula Fernandes
Anna Paula M. Figueiredo Malta
Armando e Ilana Strozenberg
Barbara Makant
Beatriz Borges Stambowsky
Beto Silva
Carolina Marinho Amado Lopes
Claudia Simões Lopes Teixeira
Cristina Séve Borges
Digo Fiães
Dorit e Daniel Faust
Elizabeth S. Monteiro de Carvalho
Fernando e Bruna Furtado
Frances Reynolds
Galeria Murilo Castro
Graciela e Cedric Bridger
Gustavo e Rita Carvalho
Ian Collett Solberg e Marta Joffily de Alencar
Instituto Cultural Plajap
Janaina Torres
Jô Vasconcellos
Joanna Conrad Lowndes Furtado
Joaquim Paiva
Kika e Renato Vianna
Lancers Art Collection - L.A.C
Luiz Paulo Saad Montenegro
Oh!Quadro
Olavo Monteiro de Carvalho
Omar Carneiro da Cunha e Gilda Pessoa
Patrícia Konder Lins e Silva
Patrícia Pires
Paula Souto
Raimundo Pessoa
Rhanine Pessoa
Roberto Coelho
Sylvia Behera Sattamini
Vanda Klabin

Criação
Heleno Bernardi

Curadoria
Renato Rezende

Realização
Rhanine Pessoa
Gabriela Maciel
(TAL Projects)

Relações Públicas
Fernanda Sattamini
Maria Luz Bridger
(BRISA Arts)

Produção
Substantivo

Montagem
Heleno Bernardi
José Claudiano C. da Silva
Isnar Souza

Assistente de Produção
Kadu Borges

Iluminação
Julio Katona

Design
Substantivo

Fotografia
Beto Felicio

Vídeo
Laura Liuzzi

Monitoria
Mateus Alves

Purpurina
Lantecor

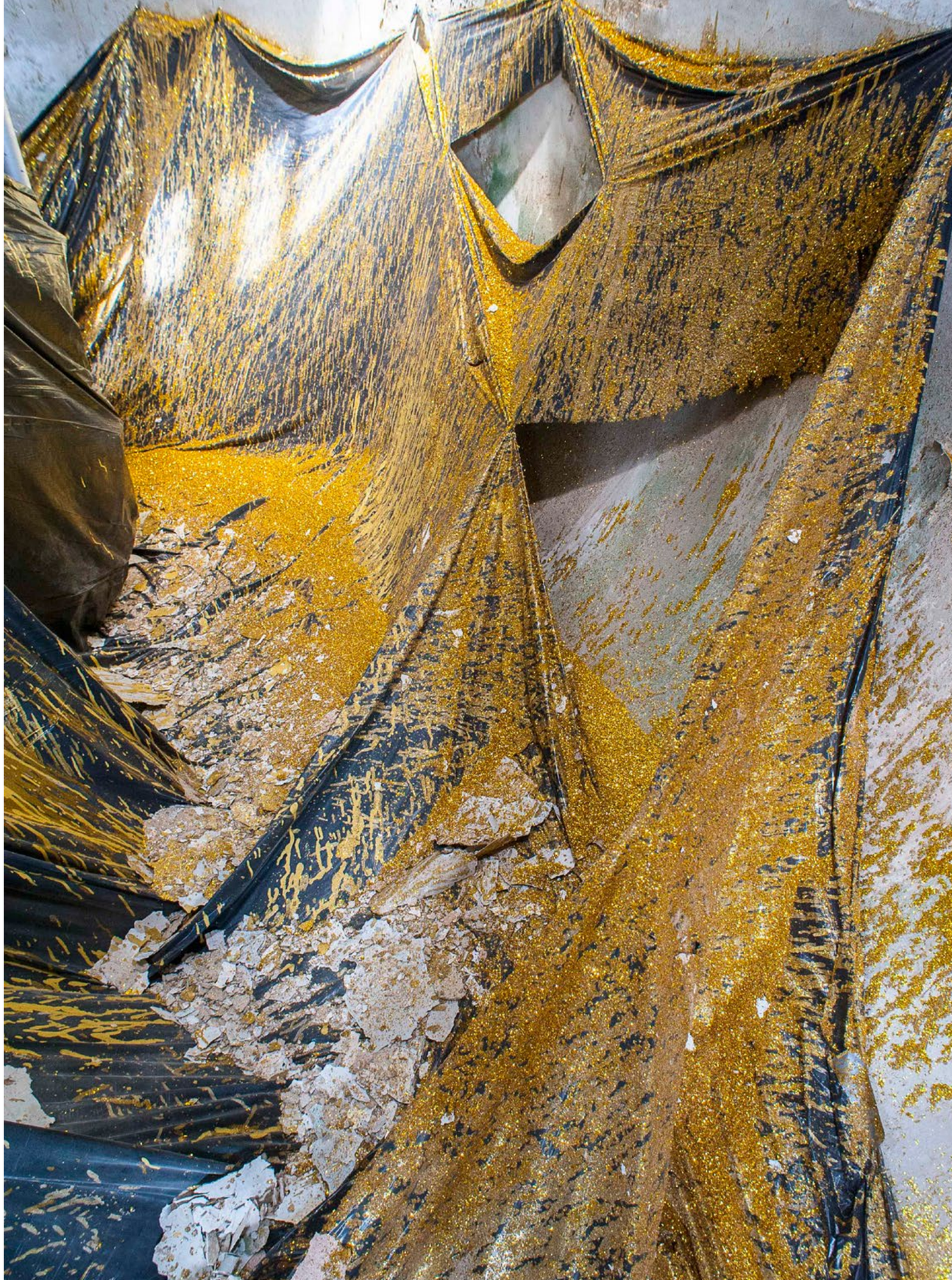
Andaimes
Braxcon

Sinalização
ProfiSinal

Apoios
Janaina Torres Galeria
Galeria Murilo Castro
Oh!Quadro

IED RIO
Fabio Palma - Diretor
Daniel Diaz - Vice-diretor
Marcello Perongini - Comunicação, Marketing e Branding
Joice Balboa - Assistente de Marketing
Nayara Chaves - Design
Augusto Brandão - Assistente de Comunicação
Marc Eliè Albá e **Juan Linhares** - Logística
Alexandre Rese - Coordenador de Projetos Especiais e Parcerias
Sabrine Tavares - Eventos
Assessoria de Imprensa - CWeA
Assessoria Técnica - Beti Font e Enric Sesplugues Sentis

A purpurina utilizada nesta intervenção terá reaproveitamento sustentável ao final da exposição. O material será misturado à massa do concreto a ser utilizado na reforma que o IED promoverá a partir de 2018. O novo espaço abrigará o IED Lab – Centro Latino-Americano de Inovação em Design, com um auditório para múltiplos usos.



Ficha catalográfica

REALIZAÇÃO

RELAÇÕES PÚBLICAS

PRODUÇÃO

APOIO

PARCERIA

www.tal.art.br www.facebook.com/projetocassino #projetocassino www.helenobernardi.com